

Senso de jogo

Arlei Sander Damo

(Universidade de Santa Cruz do Sul)

Assim como outros arbitrários culturais, o esporte moderno poderia ser definido como um consenso de época, público e lugar, tal qual a gladiatura romana, o olimpismo grego, a tourada aldaluz e as rinhadas de galo balinesas. Para compreender a adesão ao esporte, poder-se-ia centrar a atenção nas práticas, como o esteta que, intrigado com o interesse do público por uma dada obra de arte, opta por explicá-lo a partir da exegese das propriedades intrínsecas à obra. Fala-se na magia esportiva, mas será olhando para os gestos corporais que se compreenderá o encantamento do público? O futebol, por exemplo, seduz a muitos, mas não a todos. Há pessoas que não vêem sentido no desperdício de energia dos atletas e franzem o cenho para o descontrole emocional das arenas – não seria o caso de oferecer um desses fetiches esféricos a cada qual dos enfeitiçados, liquidando a prosaica disputa? Os apreciadores do futebol justificam-se, seguidamente, afirmando haver no jogo qualquer coisa para além do observável na intriga pela bola. Aqueles a quem o futebol não faz sentido seriam, então, os que não foram educados para os sentidos profundos do jogo - morais, estéticos, afetivos, políticos, etc. Sendo assim, não disporiam dos elementos básicos para sua decifração, quer dizer, para a sua significação. É o caso de indagar, pois, pelas razões da adesão esportiva, por que alguns se engajam e outros não. Seriam os mesmos dispositivos que suscitam o interesse de praticantes e espectadores? Em que medida isso possui relevância antropológica ou, dizendo o mesmo de modo diverso, o que o gosto pelos jogos esportivos tem a dizer acerca dos padrões estéticos de nossa época?

Sem pretensões de esgotar essas questões, que já vem sendo formuladas pela recente produção bibliográfica em ciências sociais nas duas últimas décadas, pretendo desdobrar as

questões referidas de maneira tal que os horizontes compreensivos acerca do gosto pelo futebol em particular, e pelos esportes em geral, sejam ampliados, pois eles são elementos importantes da estética contemporânea, em que pese não encontrem respaldo entre a alta cultura e a vanguarda artística. Tomar como ponto de partida a diversidade futebolística, um caso particular no espaço dos esportes, é condição para se atingir os objetivos propostos. Parte da recente bibliografia, em que pese seu aumento expressivo, está comprometida do ponto de vista teórico por ignorar a diversidade dos fatos sociais e, portanto, das diferentes experiências e significados no entorno dos futebolis¹. Tal equívoco deve-se, fundamentalmente, à razão que deveria ser, ela própria, objeto de investigação: o monopólio das representações legítimas exercido pela versão espetacularizada, forjada, em grande medida, pelos mediadores especializados².

A primeira parte do texto tenta fazer frente a esta questão, que é menos um problema para os agentes sociais do que para nós, pesquisadores. Resgato, brevemente, o processo de codificação do *football association* e a subsequente diáspora, para mostrar o quão pouco as ciências sociais se distanciaram das questões formuladas pelos próprios agentes do campo esportivo, direcionando suas atenções para a matriz hegemônica do futebol, que de resto é gerida pela FIFA de forma monopolista. Esboço, como contrapartida, uma classificação estratégica a partir de quatro matrizes futebolísticas – espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar³. Não pretendo instituir uma classificação com um fim em si mesma, mas suponho que o seu uso sirva para melhor compreender a diversidade a partir das diferenças. A ubiquidade dos futebolis, ao menos no Brasil, faz com que seja esquecido, por vezes, que jogar não tem o mesmo significado de torcer e atuar em parques e praças não demanda as mesmas exigências necessárias para quem dá espetáculo nos estádios.

A segunda parte explicita o entendimento sobre o que vem a ser um jogo de futebol e, particularmente, um jogo apreciado com a conotação de espetáculo. Trata-se, pois, de um

recorte no interior do vasto espectro dos fatos esportivos. O objetivo consiste em acentuar a importância da dimensão prática das práticas esportivas na apreciação estética. Sugiro que a ação dos jogadores deve ser compreendida como ação social, seguindo orientação de Norbert Elias, para quem os jogos são configurações dinâmicas. As ações, interpretadas de acordo com o contexto, constituem processos sociais e simbólicos que podem ser tomadas como narrativas em primeira mão, as quais correspondem outras narrativas, produzidas simultaneamente ou *a posteriori*, como são os casos dos comentários dos jogos feitos para além do seu espaço e do seu tempo. A decifração das propriedades intrínsecas do jogo, às quais tratarei na segunda parte do texto, é um dos elementos importantes para o encadeamento dos eventos isolados - passes, desarmes, gols, expulsões, resultados paralelos, etc. - com vistas à produção de uma narrativa ordenada, mas não é tudo. Parto do pressuposto de que os espetáculos futebolísticos são uma variante dos futebóis, um bem simbólico como outro qualquer, porém peculiar, pois apreciado em larga escala mediante contraprestação econômica.

Não pretendo, de qualquer modo, usar as categorias do mundo artístico para explicar o mundo esportivo, tampouco sugiro qualquer fusão de fronteiras. Busco, isto sim, inspiração nas contribuições da sociologia e da antropologia da arte que, talvez por terem se desenvolvido há tempo, produziram um acúmulo teórico que ainda não dispomos para o entendimento dos esportes. Uma das rupturas importantes da sociologia da arte, mas não a única, deu-se em relação às tendências essencialistas, voltadas à especulação em torno do belo e do sublime. Não menos importante é a ruptura em relação à sociologia do público, cuja contribuição foi decisiva para romper com a reprodução, em âmbito acadêmico, das categorias analíticas usadas pelos críticos, um segmento de agentes e pontos de vista que é parte do campo e, portanto, produz e dissemina juízos conforme interesses específicos. A sugestão de Heinich (1991) - cuja aplicação pode ser encontrada no estudo da construção da

reputação de Van Gogh -, originalmente pensada para a compreensão das artes plásticas, aplica-se muito bem aos esportes, cuja admiração em forma de espetáculo é resultado de múltiplas mediações.

Contrairement à l'approche privilégiée par l'esthétique, la réponse à cette question [da admiração] ne se trouve pas exclusivement dans les œuvres; mais [...] elle ne se trouve pas non plus exclusivement dans l'œil des regardeurs, autrement dit dans les caractéristiques sociales des publics. Tant les propriétés objectives des œuvres que les cadres mentaux des réceptions (lieux, moments, interactions...) sont requis dans la probabilité de voir qualifier un objet en termes esthétiques - la description de ces déplacements, et l'explicitation de leurs logiques[...] (Heinich 2001:56).⁴

O que sugere Heinich é uma possibilidade de conciliação entre tendências contrárias. A razão estética ou, para ser preciso, a razão simbólica que serve de suporte às emoções estéticas, não é dada exclusivamente pelas propriedades intrínsecas da obra, mas não será por isso que estas devam ser relegadas quando se investe na compreensão do apreço por dados bens culturais, pouco importa quais sejam. De outra parte, é imprescindível considerar a força exercida pelas propriedades extrínsecas aos bens culturais na sedução do público, ou seja, pelas propriedades do campo social. Cada segmento artístico (ou esportivo) tem suas próprias regras, havendo, pois, certas homologias, como a presença de profissionais, leigos, críticos, mercadores e mecenas. Não menos importante são as especificidades de cada campo ou sub-campo, de modo que nos espetáculos esportivos figuram ao menos três elementos fundamentais: os artistas (jogadores), as obras (os jogos) e seus públicos (os torcedores). Não será possível esgotar as relações entre esse triângulo básico, mas ao menos será dado dizer algo sobre os jogos, tendo em vista os olhares antropológicos⁵. Como já foi dito e será repetido como certa insistência, valho-me do futebol para pensar questões que bem podem ser formulados a outras modalidades esportivas, mas jamais generalizado.

1 FUTEBOL E FUTEBOIS

1.1 Codificação, diáspora e bricolagem do *football association*

A diáspora esportiva e, particularmente, a futebolística, é um caso exemplar do que Souza Santos (2000: 25-102) definiu como localismo globalizado, seguido pelo processo inverso, no caso um globalismo localizado (cf. tb. Stigger: 2005). Os iniciados na literatura esportiva conhecem bem as duas faces desse processo, mas não custa recuperá-lo, em linhas gerais, para consolidar o argumento de que a diversidade social e cultural das práticas futebolísticas não é mera retórica. Circunscrevo-me ao caso do futebol, embora acredite que muitos argumentos poderiam ser usados para a compreensão do gosto esportivo.

Football association é, pois, o nome dado ao jogo cujas regras foram codificadas por um grupo de jovens londrinos no final de 1863. Havia muito que a prática de jogos nominados de *football (folk football)* disseminara-se pela Grã-Bretanha, cujos registros mais antigos remontam ao século XIV (Elias e Dunning 1992: 257-70). A codificação das regras, até então suscetíveis aos interesses situacionais e às tradições locais, demarcam uma ruptura que transcende à maneira de praticar o jogo. Entre os motivos que levaram à codificação, encontram-se pelo menos duas ordens de fatores. A primeira diz respeito ao desejo dos jovens londrinos de diferenciarem a sua modalidade de *football* de outras práticas, sobretudo em relação a uma delas que, depois de codificada, combinaria o uso dos pés e das mãos: o *football rugby*, codificado por estudantes de Rugby.⁶ O que bem poderia ser qualificado como um narcisismo das pequenas diferenças tornou-se uma ruptura com desdobramentos substanciais no desenvolvimento tanto do *association* quanto do *rugby*⁷. A segunda razão que norteou a codificação tem a ver com as pretensões de seus agentes, quase sempre internos ou egressos de *Public Schools*, desejosos de tornarem-se referência em relação a outros grupos

com os quais competiam em termos de status. Uma vez regrados e codificados, os *sports* superaram as idiossincrasias locais, expandindo-se por intermédio de circuitos de competições regulares e abrangentes. Nesse sentido, a codificação não é a causa ou o motor da disseminação em massa de uma dada maneira de praticar os *sports*, mas um dispositivo de desconexão parcial das práticas em relação às influências locais e regionais, impulso decisivo para a constituição de uma cultura esportiva globalizada. No que concerne às motivações mais amplas do processo de codificação, as interpretações convergem e complementam-se: uma espécie de obsessão de jovens de classe média inglesa visando afirmar seus próprios códigos, segundo Murray (2000); um desdobramento do processo de civilização, conforme Elias e Dunning (1992); ou uma das tantas tradições inventadas ao longo do século XIX, se seguirmos Hobsbawm (1984).

A relação que se pode estabelecer entre o *football association* e as formas de *football* não codificadas - por vezes tratadas como *folk football* ou jogos pré-modernos - é análoga à maneira como se processou a codificação das línguas oficiais em certos Estados-nações que caracterizavam-se pela diversidade de práticas em seus territórios (Guibernau 1997: 75-81). A codificação não implicou, efetivamente, no desaparecimento das práticas locais e, nesse particular, a analogia com as línguas oficiais é ainda pertinente. Apenas não existiu, em relação aos esportes, uma instituição com o poder de coerção tal qual o Estado, cuja influência foi determinante para impor os idiomas oficiais, não raras vezes contra a resistência da população. No caso do *association* e do *rugby*, as agências e os agentes à testa da diáspora usaram a persuasão como estratégia, impondo a versão codificada lá onde tais práticas não eram propriamente estranhas - em toda a Grã-bretanha e mesmo na Itália, onde se praticava o *calcio* -, e disseminando a versão oficiosa em regiões nas quais os futebolis eram até então desconhecidos. Quaisquer que tenham sido os desdobramentos desse processo, é inegável que o jogo da *association* conquistou adeptos entre as classes trabalhadoras inglesas e estas foram

decisivas na sua popularização no circuito britânico e, ato contínuo, para diversas regiões do planeta, como símbolo do estilo de vida moderno⁸. De outra parte, as agências controladoras do *association* não puderam impedir que outras modalidades de futebol, adaptadas a partir dos seus próprios códigos, fossem praticadas. Sendo assim, disseminou-se pelo planeta o *football association* e, paralelamente, as versões bricoladas⁹.

Este processo de descodificação parcial, ou de acomodação local de um globalismo, é ainda pouco explorado em seus meandros. Por tratar-se de um procedimento tido, equivocadamente, no sentido do complexo para o simples, sem que jamais se tenha questionado esta suposição, atribui-se importância secundária, sendo por vezes até ignorada. A apropriação do *futebol association* no Brasil, por exemplo, deveria ser percebida como reelaboração bem sucedida de uma prática exógena. Na adequação dos códigos e etiquetas dos *sportmen*, foram seguidas tendências bastante disformes, sendo que alguns grupos, notadamente ligados às classes altas, preocuparam-se em imitar os ingleses, ao passo que outros apropriaram-se dos códigos sem a preocupação de segui-los à risca. O processo de acomodação do *football* foi, portanto, mais nuanceado do que se imagina, sobretudo do ponto de vista estético, embora a bibliografia atual seja lacunar a esse respeito.

Seja como for, o controle sobre as regras do *association* cabe, na atualidade, à Internacional Board (IB), instituição centenária, associada à FIFA que, por seu turno, é responsável pela gestão direta ou indireta das competições futebolísticas mais importantes em termos econômicos.¹⁰ Qualquer mudança nas regras do *association* que, por seu turno, tendem a desencadear mudanças na dinâmica do jogo e, portanto, no espetáculo - ver-se-á oportunamente - são debatidas e só então autorizadas por este comitê que, por assim dizer, presta auxílio à FIFA. Todavia, a IB não tem como impedir que o *football association* seja praticado para além do seu controle, pois também a FIFA não dispõe de mecanismos impedindo que se organizem eventos futebolísticos para além do seu domínio¹¹. Afinal, o

domínio da FIFA-IB compreende um conjunto formado por 6 confederações continentais, mais de 200 federações nacionais. O domínio FIFA-IB detém, portanto, o monopólio do mercado futebolístico, ou seja, do futebol que é praticado e apreciado em forma de espetáculo, como um bem simbólico com valor econômico.

Além das modalidades agenciadas pela FIFA - o *association*, segmentado em masculino e feminino, o *futsal* e, recentemente, o *beach soccer*¹² - e de outras que não o são, incluindo-se a diversidade das formas improvisadas, o que pressupõe um espectro heterodoxo de usos do corpo e de codificações *ad hoc*, pode-se experimentar os futebolis a partir da assistência, da escuta, da leitura, das discussões, das jocosidades e tantas outras formas sociais desencadeadas a partir (por vezes mesmo à revelia) das práticas propriamente ditas. Em certos casos há vestimentas, comportamentos e figuras de linguagem forjadas nos espaços futebolísticos, mas disseminadas para além deles. À diversidade de práticas futebolísticas corresponde, portanto, uma multiplicidade de sentidos, razão pela qual dever-se-ia ter muito cuidado no momento de escrever sobre o tema. Afinal, quando se usa o termo futebol, a qual modalidade se está referindo? E, como corolário, a quais sistemas de significados? Se os futebolis tais quais eles existem pudessem ser tomados, por analogia a uma floresta, diria que é dado o momento de retornar às árvores, aos animais, às trilhas, aos córregos, às pessoas que habitam-na, às aparições fantasmagóricas, às lendas e à infinidade de elementos concretos. As unidades menores devem ser postas em relação, mas com critérios bem definidos, para que se possa tirar proveito heurístico da diversidade social e cultural.

1.2 As matrizes futebolísticas

As práticas futebolísticas possuem em comum uma estrutura a partir da qual são socialmente reconhecidas e nomeadas como tais¹³. Esta estrutura, uma espécie de “unidade

futebolística”, caracteriza-se por: a) duas equipes (princípio da coletividade); b) perseguindo objetivos idênticos, porém assimétricos (princípio do conflito); c) sendo a disputa mediada por um objeto (princípio da evitação, mas não da interdição do corpo-a-corpo); d) um conjunto de regras (circunscrevendo o espaço, o tempo e o ilícito, dentre o qual se destaca o uso das mãos, salvo exceções, sendo esta uma modalidade de marca diacrítica em relação a outros esportes). A partir desta unidade detectável em quase todos os futebóis¹⁴ - à exceção do futevôlei e futebol de mesa ou de botão e suas variantes - articulam-se diferentes maneiras de praticá-lo podendo-se agrupá-las em quatro matrizes principais que denominarei como: **espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar.**

1.2.1 A matriz bricolada

Por futebol bricolado são compreendidas as configurações nas quais se admite as mais diversas variações a partir da “unidade futebolística”. Como não há agências para controlá-lo, não há limites para a invenção e/ou adequação de códigos situacionais, destacando-se, sobretudo, as distorções em relação ao *football association*. Poder-se-ia denominá-lo de futebol de improviso ou informal, mas o termo bricolagem é mais apropriado, pois não supõe a idéia de déficit. Um jogo bricolado não é incompleto por ser jogado por apenas três componentes em cada equipe ou porque jogam descalços. Pelo contrário, é essa bricolagem que caracteriza as peladas¹⁵: joga-se com o que se dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais. De maneira geral, o tempo da bricolagem é o tempo social do não-trabalho - do lazer, da recreação, do ócio, etc. -, ainda que seus praticantes se empenhem de modo laborioso, com intenso dispêndio de energia física e psíquica. A duração do jogo varia de acordo com o ânimo dos praticantes, a disponibilidade de tempo, as condições climáticas, as limitações de horário impostas pela locação dos espaços, entre outros. A divisão das tarefas

no âmbito das configurações de jogo propriamente ditas é praticamente inexistente nas peladas. Raras vezes a divisão do trabalho de equipe transcende a distinção entre atacantes e defensores. Nos casos em que esta distinção é bem demarcada, trata-se antes de arranjos situacionais, ao contrário dos profissionais, especializados na execução de tarefas tão particulares como a cobrança de um córner pelo lado direito.

A matriz bricolada caracteriza-se por existir à margem dos agenciamentos, sendo este um critério seguro que singulariza-a em relação às demais matrizes futebolísticas. As regras, além de adaptadas, são arbitradas pelos próprios praticantes. Os conflitos de interpretação são freqüentes, diria mesmo que fazem parte do jogo. A maneira como são resolvidos depende, obviamente, de questões que excedem o espectro esportivo. Intransigências e autoritarismos são comuns, mas seus limiares variam de grupo para grupo, sendo usual a exclusão de um jogador – do grupo de praticantes e não apenas do jogo - caso ele seja considerado inconveniente à dinâmica da sociabilidade como um todo.

Na maioria das configurações de peladeiros, a sociabilidade excede a temporalidade do jogo propriamente dito. Por isso existem, inclusive, cuidados especiais com o equilíbrio das tensões. Se, como sugere a perspectiva eliasiana, a tensão é um ingrediente essencial da excitação esportiva, é preciso, no entanto, administrá-la de maneira tal que haja equilíbrio e que este se mantenha em um nível de tensão agradável. O limiar é notadamente subjetivo e caracteriza-se como um dos ingredientes no jogo bricolado. Os jogadores, não sem o suporte do grupo, vão estabelecendo os pontos frágeis de equilíbrio, limites em que o status pode ser insultado de maneira controlada. Insulta-se o status de alguém com dribles, desdém, troça verbal e outras formas de violência simbólica. Salvo raras exceções, a bricolagem é importante na formação e demonstração de uma imagem pública de menino e não parece menos necessária para que os homens propiciem, a eles mesmos, um raro espetáculo de hostilidade e afeto.

Além da relativização da performance, da ausência de espectadores, da distorção do *football association*, das dramatizações de gênero, a bricolagem torna-se um dos espaços privilegiados onde são socializados os fundamentos do jogo, ao menos no Brasil. A bricolagem é praticada em ruas, praças, parques, terrenos baldios e outros tantos espaços à margem das instituições formais, sobretudo da Escola. Há quem acredite que o futebol-arte ou o estilo brasileiro de jogar, exibido por muitos profissionais que atuam nos principais mercados futebolísticos, seja produto da socialização primária em configurações de bricolagem. Romantismos e folclorismos à parte, a bricolagem é um espaço importante para o exercício da criatividade e da experimentação, diferentemente do que ocorre nos centros de formação (pelo no Brasil), onde a ênfase recai sobre a economia das técnicas corporais, individuais e coletivas. De qualquer modo, esta não é uma particularidade do Brasil. Moleque e terreno baldio existem em quase toda a parte, embora com outros nomes¹⁶.

1.2.2 A matriz espetacularizada

O futebol espetacularizado caracteriza-se, em termos gerais, por particularidades dentre as quais três se destacam. A mais importante é a sua organização de forma monopolista, globalizada e centralizada através da FIFA-IB. A FIFA e suas afiliadas - as confederações e abaixo delas as federações nacionais e, em países como o Brasil, estaduais - organizam eventos (campeonatos, torneios, copas, etc), estabelecem normas para as relações entre os clubes, controlam o mercado de pés-de-obras e de imagens, duas das principais fontes de receita desse futebol midiaticizado. A partir da International Board, a FIFA também exerce o controle sobre as regras do *football association*. Sendo assim, em todas as partes do planeta e independente de quaisquer variantes locais, as equipes ligadas a clubes que fazem parte do sistema FIFA-IB praticam a mesma modalidade de regras e, portanto, modalidades de usos do

corpo muito próximas. A circulação de atletas é assim facilitada pois, apesar das variações locais, eles são dotados de uma espécie de gramática incorporada em forma de disposições para a prática de uma linguagem universal (voltarei à questão oportunamente).

O futebol de espetáculo também se caracteriza pela divisão social do trabalho, dentro e fora de campo. Não obstante a distinção clara e precisa entre quem pratica e quem assiste, há nesse espaço social uma trama de outras especialidades em torno das quais produzem-se as lutas em relação às competências, aos interesses e às reciprocidades. Com a ressalva de que faltou atribuir maior destaque aos dirigentes, o que tomo a liberdade de fazer agora, concordo com a caracterização dos principais segmentos de agentes do campo do futebol de espetáculo (ou sub-campo, se preferirem) apresentadas por Toledo (2002: 16-17).¹⁷

a) Os profissionais: “todos aqueles que interferem diretamente no jogo, quer dentro do campo como a própria performance dos jogadores, técnicos ou juízes na busca imediata dos resultados quer na percepção dos jogadores, fisiologistas, preparadores físicos, etc., ou no suporte administrativos dos dirigentes [...] que viabilizam a competição como espetáculo”.

b) Os especialistas: “[...] [os] que procuram decodificar e ordenar para uma narrativa supostamente mais linear e universalista, a partir das técnicas disponíveis de cada meio midiático, o processo ritualístico em evento jornalístico, de interesse geral”.

c) Os torcedores: aqueles que impõem ao futebol “a circularidade das emoções”, importando-se sobretudo com a capitalização simbólica do desfecho dos rituais agonísticos.

d) Os dirigentes: são aqueles que detêm o controle político e econômico do futebol de espetáculo. Podem ter cargos eletivos (como são os presidentes de clubes, federações e confederações), ou assegurados por outras vias (como são as nomeações de acionistas, patrocinadores, administradores, enfim, há uma extensa lista de novos gestores, produtores e produtores das últimas etapas da espetacularização do futebol, aliados ou rivais dos cartolas tradicionais).

A excelência performática, por seu turno, é uma exigência que se impõe ao futebol de espetáculo de fora para dentro, mediada pelos interesses do público, dirigentes, críticos e patrocinadores. Ela acarreta na dedicação exclusiva e remunerada de quase todos os profissionais diretos - e não apenas dos atletas. Dos atletas, exige-se preparação específica a especialização em relação ao uso das técnicas corporais, individuais e coletivas, condição indispensável para que elas sejam exibidas ao público. A exibição na forma de um confronto espetacularizado, que tende à separação entre vencedores e perdedores, é fundamental para a produção e circulação das emoções dos torcedores, antes, durante e depois do espaço-tempo do jogo propriamente dito. Como em outras modalidades artísticas ou esportivas, o gosto do público e os interesses da indústria do espetáculo classificam alguns artistas como dignos de compensação e outros como muito dignos, de dinheiro e de outras dádivas. No caso dos esportes, parte da beleza do espetáculo parece indissociável do limite ao qual a competitividade foi sendo guindada e da maneira como é dramatizada. Mas nem toda a prática de futebol é considerada interessante (ou absorvente) pelo público - caso das peladas, por exemplo, mas também de muitos jogos do circuito profissional. A freqüentação aos estádios, por exemplo, deve ser pensada, pois, com a mesma ordem de complexidade que se pensa o fluxo aos cinemas ou aos teatros, desde que respeitadas as especificidades.

Essa matriz é aquela que conduz a tensão e o conflito aos níveis mais elevados, razão pela qual o aparato repressor do Estado é seguidamente mobilizado para conter o público, e por vezes os próprios profissionais – os árbitros são a “polícia da FIFA”. Além da presença de um trio de arbitragem com poderes orientados pelas regras da IB, a FIFA, por intermédio de suas subsidiárias, desenvolveu um aparato jurídico capaz de impor punições rigorosas, se necessárias, às diversas ordens de transgressões. A este controle institucional corresponde o autocontrole que é exigido e desenvolvido nos atletas durante o período de formação profissional. Em linhas, gerais afirma-se que a tensão aumenta quanto mais absorvente for o embate, e ele será tanto mais absorvente quanto maior o risco, ou seja, quanto maiores forem as possibilidades de ganho ou perda em termos de valor econômico e/ou simbólico.

Não se deve esquecer jamais que o sistema de enfrentamento na esfera do espetáculo é organizado em forma de divisões hierárquicas - A, B, C etc. ou 1^a, 2^a, 3^a e assim por diante - de tal modo a forçar o cruzamento entre os clubes mais poderosos, aqueles que detêm as preferências dos torcedores e o poder econômico para formar equipes com profissionais concorridos no mercado, e evitar o enfrentamento entre desiguais. Não existisse um conjunto de dispositivos - agências, tecnologias de controle e autocontrole, sistema de punições, entre outros - arrançados com a finalidade de promover a violência simbólica e conter a violência física, tais jogos correriam o risco de ultrapassar o limiar tênue que separa estas formas de violência, o que por vezes ocorre.

1.2.3 A matriz comunitária

Entre a matriz espetacularizada e a bricolada existe ao menos uma modalidade de futebol, vinculada ao tempo de lazer dos seus praticantes, realizada em espaços mais padronizados do que a bricolagem, mas sem a ortodoxia do sistema FIFA-IB. Talvez o que

melhor caracterize o futebol intermediário - em boa parte do Brasil, ao menos de São Paulo em direção ao Sul é chamado de “futebol de várzea” - é a presença de quase todos os componentes do espetáculo, mas diferindo em escala¹⁸. A divisão social do trabalho fora de campo não é nula, mas precária. Os times de várzea têm um dirigente, um técnico e um massagista, diferindo da bricolagem, portanto. Entretanto, o técnico de várzea não é remunerado e nem treina a equipe durante a semana. Nos jogos, os papéis são, de início, bem definidos e até especializados, mas não deve causar surpresa se o centroavante, a certa altura, for jogar de goleiro; ou se um atleta que atuava na ponta-direita, e fora substituído antes do intervalo, reaparecer como beque de espera nos minutos finais da partida. O circuito comunitário não exige dos atletas o mesmo capital corporal do profissionalismo, mas as fronteiras não são, de qualquer modo, tão porosas quanto nas configurações bricoladas.

Em Porto Alegre, cidade com aproximadamente 1,4 milhão de habitantes, existiam, em 2002, 32 ligas de futebol comunitário - também chamado de amador ou de várzea. Como cada liga contava, em média, com a participação de 9 clubes/times, apenas na categoria “adulto” - em várias ligas haviam campeonatos para as categorias “veterano”, “feminino” e “sub-21” -, existiam em torno de 290 clubes/times de futebol comunitário na cidade, cada vila ou bairro tendo uma, por vezes mais agremiações, algumas delas com mais de duas décadas de existência. O levantamento foi realizado a partir do credenciamento para o Campeonato Municipal de Várzea 2002, o que implica dizer que podiam existir mais clubes/times na cidade, não credenciados para o referido certame, mas não menos. Se somadas as diferentes categorias, chegava-se a 450 times em atividade. Como frequentemente um clube possui times em várias categorias e não se pretende aqui produzir qualquer distorção, tomarei como ponto de partida os 290 clubes/times credenciados para o Municipal de Várzea propriamente dito. Uma projeção dos dados de Porto Alegre para o Brasil indicaria

a existência de aproximadamente 40 mil clubes/times de futebol, quase quatro vezes a estimativa de Rebelo e Torres (2001)¹⁹.

Em alguns casos, as federações estaduais - conectadas à estrutura FIFA-IB - organizam eventos que congregam a elite dos clubes, mas prevalece, sobretudo, a organização de competições em circuitos locais - bairros, cidades, dependendo das circunstâncias. A grande mídia, de alcance nacional e regional, ignora a existência do futebol comunitário ou notabiliza-o por meio de seus subprodutos - confusões, improvisos, etc. Nas cidades de menor porte, no entanto, o semanário publica a tabela, o regulamento e a classificação do certame, geralmente chamado de “municipal” ou “regional”. A “várzea” vira “amador”, galgando prestígio, e a cada rodada as emissoras de rádio transmitem um jogo, sendo os patrocinadores da jornada pequenos empreendedores e não raro o poder público local. Há muitos ex-boleiros que dispõem seus capitais futebolísticos nesses circuitos paralelos, quando encerrada a carreira ou mesmo em fase de reconversão.

No caso da França, onde a presença do Estado é abrangente (comparativamente ao Brasil) e a prática esportiva é regulamentada desde o final dos anos 60, o futebol comunitário está integrado ao sistema federativo, de modo que é possível, a partir da FIFA, chegar a um pequeno clube de bairro de qualquer cidade francesa. Por intermédio de sucessivas subdivisões, o A.A. Val Sant’Andre - clube de futebol do *quartier* de mesmo nome, de Aix-en-Provence - integra a base de uma pirâmide na qual o Olympique de Marseille, da cidade distante trinta quilômetros, está no topo. Este modelo holístico, hierarquizado e vigiado pelo Estado não é, entretanto, o mesmo existente no Brasil. Se tentarmos percorrer a estrutura FIFA em direção ao Brasil, chegaremos, numa cidade como Porto Alegre, no máximo aos clubes da segunda divisão estadual, mas jamais ao Academia do Morro, da Vila Maria da Conceição, ou ao Banguzinho, da Bom Jesus - campeão e vice do Municipal de Várzea 2002. Tampouco chegaremos aos lendários Dínamo e Clarão da Lua; nem aos outros quase 300

clubes de futebol comunitário da cidade, o que sugere ser esta matriz bem mais rica em diversidade de personagens, formas de organização e de significados - atribuídos quer à prática futebolística, quer à sociabilidade - do que a bibliografia supõe até o presente.

1.2.4 A matriz escolar

O futebol praticado nas escolas, integrado aos conteúdos da educação física, como parte das disciplinas legalmente constituídas, deveria ser tratado na sua especificidade, dadas as relações que tal prática estabelece com o contexto que a legitima. Talvez não seja o caso do futebol jogado no recreio ou antes do início das aulas. No pátio das escolas, pratica-se, quase sempre, o modelo bricolado, pois o pátio é, em relação às salas de aula, um espaço menos esquadrihado pela instituição e, portanto, à certa distância dos controles disciplinares (Bitencourt 2005). Não é o espaço físico, por si só, quem determina as atitudes. A variável tempo é fundamental, pois o tempo do recreio é significado de maneira diversa do tempo de aula, e tais significações são forjadas a partir de um conjunto de relações, ocupando a instituição escolar enquanto tal considerável influência. É preciso considerar os constrangimentos a que estão sujeitos os alunos na medida em que, para além de freqüentarem à escola, são as aulas de educação física disciplinas obrigatórias, justificadas a partir de valores chancelados pelo Estado e dirigidas por profissionais com diploma acadêmico, com suas próprias visões de como e para que fins deva ser usado, quando usado, o futebol (o raciocínio poderia, repito, ser estendido a outras práticas esportivas).

No quadro da divisão social da pesquisa, a escola e tudo o que dela se aproxima é um objeto partilhado entre as ciências sociais e as ciências da educação, entre as quais a educação física poderia ser incluída, ao menos em parte. No que diz respeito aos esportes praticados nas escolas, as ciências sociais limitam-se, basicamente, ao interesse pelas *Public Schools*, uma

espécie de corolário do interesse pela sociogênese da esportivização. Assim sendo, autores do campo da educação física instituem, também eles, categorizações objetivando dar conta da diversidade e especificidade social dos esportes e mesmo dos futebóis. Uma dessas classificações, instituídas por Tubino (1992), foi recebida de maneira tal que chegou a ser incorporada pela legislação esportiva brasileira. Na categorização de Tubino e, por extensão, na Lei de Diretrizes e Bases do Desporto, existe uma categoria em particular denominada de “desporto educacional”²⁰. Do ponto de vista das ciências sociais, a classificação de Tubino é embaraçosa, pois a ação educativa - em sentido aberto, implicando as relações de ensino e aprendizagem - não acontece num único espaço ou instituição - a Escola, supostamente. A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais. Educativo tenderia a ser antes de tudo um juízo associado ao ponto de vista dos atores sociais e, portanto, relacionado ao significado da ação - da prática do futebol, por exemplo. Em resumo, educativo pode vir a ser um dos predicados do futebol escolar, mas certamente não é o único e talvez não seja sequer o principal.

A literatura brasileira em ciências sociais praticamente ignora este segmento, à exceção de uma ou outra referência periférica acerca da importância de algumas instituições tradicionais - como o Colégio Rio Branco, no Rio de Janeiro, ou o Mackenzi, em São Paulo - na disseminação do *habitus* esportivo no princípio do século XX. Há de ser observado que a escola, ou certos dispositivos forjados por e através dela, estão migrando para o interior dos clubes esportivos e para as “escolinhas de futebol” (Damo 2005: 260-98). É interessante notar como nesses espaços, especialmente nas escolinhas, não apenas são ensinadas e aprendidas as técnicas futebolísticas, mas acreditam os meninos, seus pais e principalmente os professores - ex-atletas ou diplomados em educação física - ser este processo singular: disciplinado, formador do caráter, metódico, criterioso e assim por diante. Trata-se de uma migração de

valores, profissionais, disciplinas, enfim, de mentalidades. Isto não implica, de qualquer modo, que a assimilação seja generalizada ou que os fluxos não enfrentem resistência.

As quatro tipologias aqui sugeridas possuem conotação estratégica, sendo improdutivas quando usadas como ferramentas classificatórias com um fim em si mesmas. A ordenação da diversidade a partir do jogar foi pensada para demarcar as continuidades e descontinuidades de configurações (ou sub-campos) no espectro do espaço futebolístico a partir de critérios tais como: o grau de codificação e agenciamento, a intensidade da divisão social do trabalho, a espetacularização e a presença de público, a maneira de dispor do espaço e do tempo, o equilíbrio de tensão, entre outros. Um evento como a copa do mundo, um Fla-Flu, uma final de campeonato municipal de várzea, uma aula de educação física ou uma pelada na praia pertencem, de algum modo, ao universo do futebol. Todavia, sem demarcar suas especificidades não haverá como compreender os diferentes sentidos que os agentes sociais atribuem às suas práticas e, portanto, suplantar o empirismo e o generalismo que caracterizam boa parte das interpretações sobre a dinâmica das emoções, experiências corporais, categorias de apreciação e as formas de adesão aos futebóis.

2 A DIMENSÃO PRÁTICA DAS PRÁTICAS FUTEBOLÍSTICAS

2.1 As práticas esportivas como linguagem

Os esportes são seguidamente subestimados pelas ciências sociais a partir do entendimento equivocado de que as ações na esfera dos jogos propriamente ditos não seriam ações sociais, muito menos simbólicas. Algumas representações nativas, constituídas a partir de disciplinas como a biomecânica, por exemplo, contribuíram para tanto. A dificuldade dos

praticantes (incluindo-se os profissionais) em verbalizar a intencionalidade dos gestos corporais, por vezes faz crer que eles sejam desprovidos de sentido, quando o mais correto seria supor que eles os contêm e por vezes retêm. Seria o caso também da dança, como sugere Gil, citando Cunningham [1952]: “si un danseur danse - ce qui n’est pas la même chose que d’avoir des théories sur la danse ou sur le désir de danser ou sur les essais qu’on fait pour danser [...] -, [...] tout est déjà là” (2000: 58)²¹. Nesse caso, seria preciso trabalhar com a idéia de que as ações corporais constituem uma modalidade de linguagem; de que o corpo e o movimento dizem algo ao fazerem, invertendo-se a famosa expressão de Austin - “how to do things with words” -, com o cuidado de não deslizá-la para alguns clichês empiricistas, quer nos esportes quer nas danças. Como sugere o mesmo Gil (2000), a dança só é reconhecida enquanto tal a partir de um nexos entre os movimentos, aos quais se dá o nome de coreografia. Ou seja, a partir de uma dada ordenação dos movimentos, o que pressupõe uma ordenação de significados - mais ou menos caóticos, dependendo da modalidade de dança.

Um gesto esportivo não é um movimento qualquer. Não é um tique nervoso, para retomar o exemplo das piscadelas geertzianas (Geertz 1989: 15-20). Tal qual a diferença entre o tique e a piscadela intencional, cuja distância só é perceptível a partir do contexto de enunciação e, portanto, na relação com outros gestos e atitudes, também as ações esportivas precisam ser contextualizadas, etapa indispensável para superar as perspectivas naturalizantes - tecnicistas, biologicistas, comportamentalistas e assim por diante. A contração da pálpebra não é, em si mesma, objeto de interesse antropológico; a piscadela sim, pois ela possui uma dimensão significativa. Por analogia, os gestos produzidos na execução de uma ação esportiva não interessam aqui da mesma maneira que interessam a outras disciplinas, como a biomecânica, a cinesiologia e a fisiologia do exercício. Todavia, se eles precisam ser compreendidos a partir do contexto no qual são enunciados, não é possível desvinculá-los das

performances, definidas segundo Zumthor (2000) como “eventos comunicativos” - voltarei a isto oportunamente.

No espectro esportivo, uma performance é, fundamentalmente, um jogo. E o que vem a ser um jogo de futebol, afinal? Partindo-se de uma definição eliasiana, “um jogo é uma configuração dinâmica de jogadores no campo” (Elias e Dunning 1992: 289), sendo que, por configuração, o mesmo Elias compreende “la figure globale e toujours changeante que forment les joueurs; elle inclut non seulement leur intellect, mais toute leur personne, les actions et les relations réciproques” (1991:157)²². Agrupando-se as duas definições, é possível concluir que um jogo é, muito simplesmente, a dinâmica estabelecida pela interação dos jogadores, razão pela qual, no seu conjunto, um evento futebolístico constitui-se como um processo de encadeamento de configurações dinâmicas. Todas as relações com no mínimo dois indivíduos constituem uma configuração do tipo eu-ele(a) ou nós-eles(elas)/outros, de maneira tal que, das peladas ao espetáculo, o jogo propriamente dito pode ser tomado como um conjunto de relações de interdependências face-a-face (Elias 1991:158)²³.

Os jogadores, no caso do futebol de espetáculo, são aqueles que interferem diretamente no jogo, sendo intérpretes em primeira mão, pois suas ações - passar, chutar, marcar, etc - são matizadas pela percepção, mais ou menos apurada, da dinâmica configuracional. O resultado de um jogo dependerá, por conseguinte, do êxito dos jogadores na exegese, individual e coletiva, das configurações e do sucesso/fracasso na escolha das estratégias, visando aproximar-se das zonas de arremate e marcar gols e, em sentido inverso, impedir que os adversários o façam. Assim sendo, a ação/atuação das equipes em campo constitui uma trama motivada pela necessidade de estabelecer a disjunção, quer dizer, de haver, ao final do jogo, vencedores e vencidos. A maneira como os torcedores interpretam tal trama difere dos jogadores, pois aos primeiros não é dada a possibilidade de interferir diretamente nela, ao passo que dos segundos exige-se que o façam, afinal é para tal que são

preparados e remunerados²⁴. É importante deixar claro, uma vez mais, que as dinâmicas configuracionais possuem tantas possibilidades de decifração quantas possam ser imaginadas, razão pela qual os torcedores e mediadores especializados seguem interessados nelas depois de finalizados os jogos. Eles re-constituem e re-criam as configurações do jogo, tramando-as imaginária e hipoteticamente - “se... então...”.

As configurações são informadas por movimentos corporais, individuais e coletivos. Elas constituem-se como linguagem, razão pela qual é possível decifrá-las, basta conhecer as regras do jogo e ter recebido algumas lições elementares acerca das principais estratégias de jogo. Todavia, as configurações não existem em si mesmas, como realidades independentes daqueles que as decifram. A linguagem futebolística é, pois, apreendida e ensinada ao longo da socialização com a prática e o espetáculo, e não há nada de novo a este respeito, à exceção, talvez, do fato de que isso pareça menos evidente quando se fala em esportes do que em música, dança, ópera e literatura.

Fixando-se no futebol, mas não propriamente no *association*, podemos pensar na movimentação dos jogadores como ações sociais, no sentido weberiano do termo, pois a ação de um jogador é orientada pela ação dos outros jogadores, quer sejam adversários ou companheiros de equipe. As ações individuais e coletivas também são orientadas pelas regras, que podem ou não ser as da Internacional Board. As ações, mediadas por códigos e valores ditados pelas agências que prescrevem as regras do jogo, pelo interesse do público ou pela intencionalidade de outros jogadores, determinam que um jogo de futebol seja uma configuração social de tipo particular. Há, pois, comunicação, troca, conflito e assim por diante. Como em todas as configurações sociais humanas, as ações pressupõem a existência de sistemas que as orientem, indicando, à maneira de uma carta cartográfica, as coordenadas para a ação, o mesmo equivale para os jogos. Constata-se, então, que está implícito, na ação dos jogadores (nos gestos corporais propriamente ditos), elementos culturais que transcendem

as suas intencionalidades, pois suas ações são avaliadas pelo público e pelos críticos conforme certas premissas, dentre as quais destaca-se a eficácia.

Nessa perspectiva interpretativa, o interesse pelos jogos não se limita às escolhas racionais, tampouco individuais. Tanto as ações quanto os seus significados só podem ser adequadamente compreendidos quando relacionados com outros elementos do conjunto (Kertzer 1988). Driblar, por exemplo, é uma ação não interdita pelas regras do *football association*, mas nem todos os seus praticantes utilizam-se deste dispositivo, e mesmo os que o fazem, não procedem indiscriminadamente. Driblar envolve o domínio das técnicas corporais específicas e o seu uso eficaz pressupõe o reconhecimento das condições de possibilidade, o que é dado por um conjunto complexo de elementos situacionais, dentre os quais espaço e tempo são essenciais. Normalmente, o público aprecia os dribles - quando são eficazes, especialmente -, mas eles são relativamente raros no caso do futebol profissional; a quantidade deles é muito inferior ao número de passes, por exemplo. A baixa quantidade de dribles no caso dos jogos profissionais não decorre, certamente, da debilidade técnica dos atletas, sobretudo quando comparados aos peladeiros, mas antes a uma restrição em relação ao uso deste dispositivo, tido como importante e mesmo necessário, porém apenas em dadas circunstâncias. O investimento dos profissionais é no passe; ocupa-se muito mais tempo aperfeiçoando-os, mais tempo do que é destinado aos dribles. Por quê? O passe é um dispositivo de ligação, o elo por intermédio do qual os indivíduos que compõe uma equipe se relacionam e, vale acrescentar, o futebol é um jogo de equipe. Uma equipe, para ser eficaz, necessita aperfeiçoar as ações coletivas e, portanto, as relações entre seus integrantes, razão pela qual o treinamento do passe prepondera comparativamente ao drible. É nesse ponto que entra em cena a economia do espaço e do tempo, um dos principais elementos da estética esportiva moderna. Os atletas não trocam passes para agradar aos torcedores, mas o fazem estrategicamente, para aproximarem-se da zona de arremate, pressupondo que trocando passes

e, portanto, envolvendo vários elementos da equipe na consecução da ação desejada, seja mais produtivo do que se os indivíduos partissem em direção ao gol por conta própria. Nessa modalidade de procedimento, marcado pelo princípio da eficácia, percebem-se os constrangimentos socialmente impostos à prática como espetáculo. Tais constrangimentos não são tão freqüentes na prática esportiva voltada para o lazer e o entretenimento. Lá os indivíduos são menos pressionados pelo rendimento e, via de regra, têm mais liberdade para ousar e errar.

A gramática futebolística voltada para o espetáculo necessita ser incorporada na forma de um sistema particular de disposições para a prática, de um *habitus*, portanto. Dificilmente se poderia encontrar para além dos esportes, especialmente dos esportes coletivos e de contato, como o futebol, o *rugby*, o handebol, entre outros, práticas que poderiam ser qualificadas de ideais do ponto de vista do *modus operandi* da noção de *habitus*²⁵. Pensada segundo o próprio Bourdieu como alternativa aos conceitos de *ethos*, *hexis* e costume, a noção de *habitus* será aqui operacionalizada como “la capacidad generadora, por no decir creadora, que figura en el sistema de las disposiciones como un arte - em el sentido fuerte de maestría práctica - y, em particular, *ars inveniendi*” [espécie de *savoir faire*] (Bourdieu e Wacquant 1995:84). A fim de explicitar a noção de *habitus* no contexto da “teoria da ação”, e precavendo-se dos freqüentes mal entendidos economicistas, Bourdieu recorre a um exemplo do jogo que vem a calhar com os argumentos aqui desenvolvidos.

O melhor exemplo de disposição [que está no cerne da noção de *habitus*] é, sem dúvida, o sentido do jogo: o jogador, tendo interiorizado profundamente as regularidades de um jogo, faz o que faz no momento em que é preciso fazê-lo, sem ter a necessidade de colocar explicitamente como finalidade o que fazer. Ele não tem necessidade de saber conscientemente o que faz para fazê-lo, e menos ainda de perguntar explicitamente (a não ser em algumas situações críticas) o que os outros podem fazer em resposta [...] (1996:170).

Partindo-se do princípio de que um sistema de disposições para a prática, qualquer que seja, mobiliza o sujeito enquanto totalidade e requer um processo de aprendizado, investiguei

alhures, a partir de casos concretos, a constituição de uma modalidade particular de capital corporal (Damo 2005). Onde por vezes se supõe existir um autômato em ação, operando à revelia do aprendizado e da criação, há uma modalidade de inteligência prática inscrita no corpo, “[que] sabe, compreende, julga e reage, tudo ao mesmo tempo. Se fosse de outro modo, seria impossível sobreviver entre as cordas”, como sugere Wacquant (2002:118) em relação aos boxeadores. Só o treinamento prolongado, metódico e seguidamente extenuante – em torno de 5 mil horas, ao longo de aproximadamente 10 anos, para o caos do futebol -, cria as disposições para o jogo em forma de espetáculo, entre elas a disposição para as ações aparentemente fragmentadas como o passe e o drible. Tais disposições supõem um sistema de referências perceptivas tais que seu portador tenha a possibilidade de fazer escolhas instantâneas, em graus variados de dificuldade. O êxito envolve, no mínimo, a percepção de várias temporalidades (do deslocamento da bola, dos adversários, dos companheiros de equipes e de seus próprios gestos) e espacialidades (dos limites do campo, mas também dos espaços vazios, onde a bola pode ser deslocada sem ser interceptada) que são apreendidas ao longo dos treinamentos.

Tal como demonstrou Wacquant, há uma diferença expressiva entre o boxe e a briga de rua, o que equivaleria à diferença entre ser profissional e mero praticante de peladas. O que torna o boxe uma arte de dispor eficazmente do próprio corpo é um conjunto de dispositivos incorporados através do treinamento.

O conhecimento que os pugilistas têm do funcionamento de seu corpo, a percepção prática de que há limites que não devem ser ultrapassados, os trunfos e os pontos fracos de sua anatomia [...], o comportamento e a tática que adotam no ringue, seu programa de preparação, as regras da vida que seguem, tudo isso vem, de fato, não da observação sistemática e do cálculo refletido da linha ótima a ser seguida, mas de uma espécie de “ciência concreta” de seu próprio corpo, de suas potencialidades e de suas insuficiências, retirada do treinamento cotidiano, assim como da “terrível experiência de apanhar e bater repetidamente” (Wacquant 2002:148)

No campo do esporte voltado para o espetáculo, do qual o futebol é, em escala brasileira e mundial, o mais prestigiado em termos de interesse dos espectadores, os capitais corporais adquiridos ao longo do processo de formação são decisivos. Também são, de algum modo, expressivos em relação à distância que separa este futebol daquele praticado em praças, parques, terrenos baldios, praias e tantos outros espaços do gênero. Jogar com vistas ao espetáculo pressupõe um aprendizado diferenciado daquele exigido nas peladas de rua, um conjunto de disposições para a prática adquiridos através da incorporação dos valores a qual esta é sujeita segundo os interesses do público. Todo o trabalho de “lapidação”, como sugerem os formadores, reside na inculcação de valores tais como o princípio da eficácia e do rendimento. Sem dispor destes princípios o corpo estará despreparado para o espetáculo, como um analfabeto em relação em relação à leitura e à escrita.

2.2 As propriedades intrínsecas das práticas futebolísticas

Uma das diferenças dos esportes em relação às danças é que parte deles são avessos à idéia de coreografia, especialmente aqueles em que há enfrentamento direto entre as equipes²⁶. Pode-se planejar e até ensaiar algumas jogadas, mas elas raramente acontecem tal qual. A gramática futebolística incorporada precisa, pois, dar conta do improviso sistemático, da ação iminente que deve ser executada em tempo devido, fora do qual deixa de fazer qualquer sentido²⁷. O que se aprende ao longo do processo de formação/produção é uma espécie de “partitura de jazz”, um aprimoramento da arte do improviso. Por este critério, todos os futebóis seriam práticas bricoladas, não fossem as diferenças entre eles marcadas, sobretudo, pelo desenvolvimento das formas espetaculares no sentido da domesticação do espaço e do tempo.

2.2.1 Os futebóis sem público

Nem todos os futebóis seguem os códigos do *association*, ou o fazem em graus bastante variados, razão pela qual supõe-se que existam outros códigos em ação ou, para ser preciso, tantos códigos quantos forem os futebóis. A idéia, nesse caso em que se privilegiam as práticas, é pensar os códigos a partir delas, mesmo quando eles não estão (e quase nunca estão) inscritos em manuais com agências encarregadas de vigiá-los. A matriz bricolada é movida pelo realinhamento dos códigos, como um dialeto que sobrevive paralelamente à língua oficial. A impressão, à primeira vista, é que as peladas não possuem códigos, quando na verdade eles são estabelecidos situacionalmente, com implicações mais ou menos evidentes na dinâmica do jogo. Darei um exemplo para esclarecer esse ponto, confrontando dois grupos de peladeiros dos quais fiz parte. Para evitar ser conciso, focalizarei dois aspectos da dinâmica grupal: a escolha das equipes e a gestão do quorum extra.

Os dois grupos eram integrados, em sua maioria, por militantes ou simpatizantes do PT. Um deles, que identificarei como a “turma de A”, era composto por funcionários e estagiários de um tribunal de justiça. O outro, a “turma de S”, constituía-se, basicamente, por historiadores e cientistas sociais. Ambos os grupos seguiam, ao largo, as regras do *futsal*, sendo as diferenças mais nítidas entre os dois grupos dadas pelos critérios de segmentação das equipes²⁸. Na “turma de A”, os critérios de escolha das equipes eram bem claros e precisos: quaisquer dois dos elementos do grupo poderiam procedê-la, desde que entre eles houvesse equidade técnica. Disputava-se par ou ímpar e o vencedor escolhia quem lhe aprouvesse, e assim alternadamente até que todos tivessem time. Outra regra importante: caso estivessem presentes até 12 pessoas, escolhiam-se duas equipes, havendo então um revezamento entre os pares, pois apenas 5 poderiam compor as equipes em quadra. Caso houvesse 13 ou mais, segmentava-se o grupo em três, sorteando - no par ou ímpar - as duas equipes que

começariam a disputa; aquela que perdesse aguardaria o vencedor do primeiro confronto. Permanecia em quadra o time que estivesse vencendo transcorridos 10 minutos ou quando um deles abrisse, a qualquer momento, uma diferença de três gols sobre o adversário. Assim, uma equipe poderia jogar ininterruptamente, durante todo o período em que a quadra estivesse reservada, sendo este um dos ingredientes que incitavam a competição, pois perder implicava sair do jogo. Na sociabilidade do grupo, discutia-se abertamente as potencialidades de cada um e também as formações mais equilibradas - quem não poderia jogar com quem, quem deveria jogar contra quem, etc.

Com a “turma de S”, a escolha das equipes era particularmente dramática. Por vezes demorava-se muito tempo para iniciar o jogo, pois havia certo constrangimento em segmentar o grupo, classificando uns e outros para equilibrar a disputa. Era sintomático que a “turma de A” tivesse três jogos de coletes e que aquele a quem coubesse lavá-los fosse muito cobrado caso não estivesse pontualmente, à hora marcada, para o início do jogo na semana seguinte. A “turma de S” adquiriu um par de coletes, mas ele se perdeu rapidamente e não foi repostado, pois os coletes prestavam-se, justamente, para evidenciar as diferenças. De mais a mais, a “turma de S” seguia um critério *sui generis* sempre que havia excesso de quorum, exigindo a formação de três equipes. Duas haveriam de iniciar jogando, como ocorria com a “turma de A”, e a vencedora permaneceria em quadra, como no outro grupo. Todavia, daí por diante, sairia de quadra a equipe que tivesse realizado dois jogos consecutivos independente dos resultados. A alegação era de que assim todos teriam o mesmo tempo para praticar, eliminando-se qualquer bônus aos vencedores, de modo que o resultado ficaria banalizado uma vez que perder ou ganhar deixaria de ser um critério para permanecer continuar jogando. Com tais premissas, pretendia-se englobar a estrutura agonística do jogo - que incita a disputa, a competitividade e, portanto, o acúmulo de prestígio simbólico - aos valores anti-capitalistas, que eram mais ou menos consensuais entre os participantes da “turma de S”²⁹.

Seria pouco produtor tentado compreender as formas-padrões de jogo - os chamados esquemas táticos, 3-5-2, 4-3-3, etc. - usadas pelas turmas de “A” e de “S”, pois tais dispositivos fazem sentido para o contexto do espetáculo, no qual a luta pelos resultados suscitou o desenvolvimento de estratégias tais como a divisão do trabalho de equipe, a racionalização do espaço e do tempo, a segmentação das etapas do jogo, entre outros. Não é que nos jogos das turmas de “A” e de “S” não existissem princípios de ordenação, de divisão e de hierarquização dos papéis na dinâmica do jogo propriamente dito, mas eles eram tão instáveis que não valeria a pena sequer descrevê-los. Para participar dessas peladas, não eram demandados investimentos expressivos em termos de capitais corporais, nem em treinamento e tampouco exigia-se espetáculo, afinal jogávamos para nossa própria apreciação. As tecnologias usadas por ocasião dos jogos não eram no sentido do rendimento e da eficácia - em que pese a “turma de A” se permitisse manipulá-los -, mas no sentido de perpetuação do grupo, da sociabilidade e da excitação mimética matizada pela ludicidade. A manipulação dos códigos dava conta de manter um dado equilíbrio em torno desses valores e poder-se-ia dizer que a criatividade, se é que existia, residia na invenção de formas de preservação de uma dada harmonia em meio ao conflito instigado pela estrutura do jogo.

A gramática dos peladeiros de “A” e de “S” passa ao largo daquela exigida pelos profissionais, sendo, no entanto, imprescindível que um sujeito desenvolva certo controle das emoções conforme as exigências dos respectivos grupos. O melhor parceiro de peladas não é, necessariamente, o que decide o jogo; aquele que dispõe de capital corporal, mas aquele que contribui para a fluidez e o equilíbrio da dinâmica no conjunto. A configuração que importa é a do grupo, sendo que a do jogo é englobada por ela. A disjunção no jogo não pode contaminar a conjunção do grupo, e como não há agências para mediar esta tênue fronteira, os próprios agentes é que são imbuídos de fazê-lo.

2.2.2 Os futebóis com público

No futebol espetacularizado não há turma de “A” e de “S”, mas dois times que representam clubes e estes, por seu turno, estão vinculados a comunidades de pertencimento (Damo 2005:61-104). A gramática, neste caso, será bem diversa. A noção de propriedades intrínsecas, aqui enunciada de forma concisa, como equivalente às propriedades das configurações de jogo (e não de espetáculo, pois neste caso envolveria uma complexidade ainda maior de agentes e agências), é fulcral para os argumentos finais. Elas são, comumente, aquilo que os críticos transformaram em seus objetos de apreciação, o que sugere um leque extenso e diversificado de dispositivos. As propriedades intrínsecas compreendem os códigos agenciados pela Internacional Board, as formas-padrões de jogo (ditos esquemas táticos), a divisão do trabalho em equipe, as estratégias empreendidas por ocasião de um jogo em particular, a qualidade técnica e a disposição dos atletas, o entrosamento do conjunto, os lances, os gols, o resultado e suas implicações, os estilos, enfim, o conjunto de disposições que fazem um jogo de futebol ser o que é: uma prática absorvente para determinado público. Decifrar tais propriedades por ocasião de um jogo é essencial para a sua compreensão e, por extensão, para se ter prazer com ele. Aprende-se a fazê-lo frequentando os jogos, discutindo, lendo, da mesma forma que se aprende a apreciar música, teatro ou literatura³⁰.

A utilidade da noção de propriedades intrínsecas é menos em relação a sua precisão do que em termos de concepção, como uma ferramenta que se presta para fazer crer que o gosto pelo futebol precisa ser aprendido para que o jogo seja significado, valendo o mesmo em sentido inverso. O conjunto de disposições que a noção de propriedades intrínsecas abarca presta-se para informar quais são alguns dos elementos da prática espetacularizada e, por extensão, aquilo que alguém deve saber para ser tomado à sério, como um conhecedor de futebol. Sem cair no círculo interminável dos arbitrários culturais que se auto-reproduzem, é

imperioso lembrar aqui as considerações de Bourdieu em torno dos modos de produção e percepção artísticos, em sua notável apropriação de Panofsky.

Ao designar e ao consagrar certos objetos como dignos de serem admirados e degustados algumas instâncias [...] são investidas do poder delegado de impor um arbitrário cultural, [entre os quais] o arbitrário das admirações, e por esta via, estão em condições de impor uma aprendizagem ao fim da qual tais obras poderão surgir como intrinsecamente [...] dignas de serem admiradas (Bourdieu 1999:272).

A produção das competências necessárias à apreciação futebolística são elas próprias produzidas pelo campo do futebol de espetáculo, incluindo-se as competências para a compreensão das propriedades intrínsecas. Os mediadores especializados não fazem outra coisa senão expressar juízos acerca das propriedades do jogo, não sem o suporte do jogo e dos treinamentos, razão pela qual eles ocupam a posição de intérpretes consagrados, o que por certo é fonte de conflitos intermináveis com os profissionais e, por vezes, com os torcedores.

Se, no princípio, a codificação do *football association* cumpriu uma função estratégica, estabilizando a violência e uniformizando as disputas, elas tornaram-se desde então um dispositivo que constrange os usos do corpo. Como em outros esportes, no futebol não está dito como se deve proceder, mas antes o que é interdito, razão pela qual as regras são uma espécie de gramática negativa. A luta pelos resultados - mas não apenas ela - fez com que se investisse na invenção de tecnologias de preparação e de aprimoramento das técnicas futebolísticas. Todavia, um jogo não é uma demonstração do que se treina ou mera exibição dos capitais de que se dispõe, mas antes suas aplicações. A improvisação é parte importante do espetáculo, na medida em que o mesmo não comporta coreografias pré-estabelecidas. Daí a se pensar que ele reserva uma margem expressiva às vanguardas corporais vai uma distância considerável.

Uma das razões pelas quais os esportes são seguidamente classificados como técnicas (*savoir faire*, por exemplo) e não como arte é esta espécie de servidão às regras que bloqueiam as vanguardas criativas. Não bastasse ser o futebol um rito disjuntivo (há que jogar

para vencer, pelo menos em se tratando de espetáculo) incitado pela estrutura agonística, os códigos seguidos pela Internacional Board permitem o enfrentamento direto, corpo a corpo, e restringem o uso das mãos, justamente o segmento corporal mais visado pela nossa cultura e, como tal, preciso e refinado. No futebol, não existem séries obrigatórias, como nas ginásticas, nem coreografias, como na dança, mas interdições definidas pelas regras. Resta, portanto, uma margem de manobra, mas esta margem, entre o que é lícito (conjunto de possibilidades) e o que é realizado (possibilidades escolhidas em razão do princípio da eficácia) não está a cargo das escolhas individuais dos jogadores. Em parte, porque o público orienta, por intermédio de aplausos ou vaias, as ações dos jogadores. De outra, porque estes, individualmente, são constrangidos para atuarem em equipe, de modo que a margem de manobra reduz-se significativamente. A padronização dos gestos e dos procedimentos de preparação para os jogos estão relacionados ao binômio êxito/fracasso, tendo gerado uma espécie de economia política do espaço-tempo. Certas manobras foram banidas do espetáculo, para desespero dos românticos e saudosistas. Todavia, a padronização é apenas aparente, pois em lugar das técnicas banidas outras foram ou estão sendo criadas. De qualquer modo, a criação é, no presente, consubstanciada pela preocupação com a eficácia, mas esta não é propriamente a negação da criatividade, mas um valor que suscita formas específicas de criatividade.

O espaço reservado à criação no domínio do futebol de espetáculo é certamente um tema controverso e, sobretudo, difícil de ser abordado. Uma das questões paradoxais é que embora não exista um jogo igual a outro, também não existe nenhum que se possa considerar radicalmente diverso dos demais. Um jogo como Boca Juniors e Inter, realizado em Porto Alegre, em dezembro de 2004, constituiu-se num evento único que gerou outras narrativas (em vídeo, áudio, reportagens de jornais, lembranças dos torcedores, meu diário de campo, etc). Independente do conteúdo e da forma dessas narrativas de segunda ordem, existiu um

jogo, que terminou empatado, sem gols, tendo o Inter sido eliminado da competição. Os quase 50 mil torcedores que estavam no estádio saíram decepcionados, mas não muito, pois a derrocada gremista - arquirrival onipresente -, noutra competição, serviu-lhes como alento. Creio que nenhum dos torcedores que viram o jogo, pelo menos com os que eu conversei, viram algo de inusitado, que não tivessem visto antes e, no entanto, o jogo foi único.

Não gostaria de alongar-me sobre este ponto, mas não há como evitar uma retomada da proposição estética de Gumbrecht (1998:115-17; 2001). Fosse esta uma posição isolada talvez não valesse a pena, mas na medida em que ela suscita uma dada mirada estética para o espetáculo convém dar-lhe atenção. A questão central de Gumbrecht é a seguinte: “Por que os atletas apreciam competir e por que nós, espectadores, apreciamos assistir-lhes?” Estou de acordo com ele quando rejeita a hipótese de que o prazer resulte da obediência às regras, da realização de esforço físico por parte dos atletas (catarse, em si mesma) ou da concentração dos espectadores no desenlace do jogo. Porém não posso estar com ele quando arrasta o debate para o campo da epifania.

“Qual é, então, o tipo específico de acontecimento em que atletas e espectadores se concentram? Qual é o acontecimento que realiza as suas expectativas?” O que eles esperam é uma epifania, isto é, aparição súbita e transitória de algo que, ao menos durante o tempo de sua aparição, tenha substância e forma simultaneamente. Mas epifania significa, além disso, aparência - como evento. O que aparece “como um evento” bem pode ser surpreendente - por exemplo: a defesa de um goleiro tal como você nunca viu antes (2001:8).

O fato de que as epifanias sejam apreciadas não implica que elas sejam o fundamento estético do futebol como espetáculo. Daí porque a interpretação de Gumbrecht tem seus limites quando ela própria, depois das críticas aos essencialismos, tenta impor a chave do sublime. Então, por que Gumbrecht tem de ser retomado? Exatamente para mostrar como a sua investida é arriscada. Não se pode tentar decifrar o enigma estético olhando-se tão somente para o jogo. A epifania é um deles, bem característica de um olhar distanciado, a-sexuado e desengajado, mas não há, rigorosamente, uma única via metodológica para se

acessar aos significados de um jogo. A maneira como procede Gumbrecht é de um crítico de arte e é nesta perspectiva que seu ponto de vista deve ser apreendido. O equivalente mais próximo à posição a partir da qual ele interpreta o jogo é, certamente, a dos cronistas e comentaristas esportivos, com sua erudição peculiar e com um olhar treinado em outras modalidades de espetáculos.

Um jogo é um evento, do tipo disjuntivo, e como tal um ato epifônico, único, irreproduzível, situado no espaço e no tempo. Um jogo é *parole*, se quiséssemos, pois *parole* é ato, como escreve Ricoeur (s/d:20-4). Segue-se que, como evento, enseja a significação. O público que ocorre aos estádios não o faz aleatoriamente, não sem interesses específicos, não sem expectativas relativamente claras. As configurações de jogo decorrentes do enfrentamento entre as equipes, o Inter e o Boca Júnios, por exemplo, foram seguidas atentamente pelos torcedores, como segue uma modalidade de narrativa oral, uma performance coreográfica ou outra qualquer. Todavia, os próprios torcedores que co-atuaram, aplaudindo e depois vaiando o time, constituíram, também eles uma segunda ordem de narrativa, anexa aos eventos do jogo propriamente dito, mas com o acréscimo de elementos próprios. Os torcedores ditos organizados, da Camisa 12, por exemplo, enquanto um recorte entre a totalidade dos torcedores, constituíram uma narrativa autônoma, co-atuando paralelamente aos jogadores, mas atuando efetivamente, a ponto de formarem configurações específicas e de produzirem dinâmicas verbais e gestuais próprias, diversas daqueles que viram o jogo das cadeiras numeradas e dos camarotes. Cada torcedor, em última instância, constitui sua narrativa, diversa de todas as demais, incluindo-se as do locutor de rádio, que difere do narrador de televisão. Há também as narrativas pós-jogo, a caminho de casa ou no botequim, e aquelas com anos, por vezes décadas de distância temporal dos jogos. Enfim, os jogos de futebol de espetáculo suportam diferentes possibilidades narrativas, mais do que as peladas e os jogos de várzea.

O poder simbólico de gerar tamanha quantidade e diversidade de narrativas faz do futebol um fato social relevante de ser compreendido, mas não parece que se conseguirá compreender este poder simbólico - em que reside, afinal, o interesse pelo futebol de espetáculo? - olhando-se tão somente para o jogo. Se assim fosse, qualquer cidadão ficaria tocado, mas não é o que ocorre na prática, sendo que há muitos que lhe são indiferentes – “não entendo nada, isto para mim nada significa”, dizia uma amiga! Um jogo é um evento, no sentido de que ele produz a disjunção. É evento que enseja a significação, mas é suficientemente aberto para comportar uma pluralidade delas. Há no jogo, um complexo de relações de interdependências, como sugere Elias, que a cada mudança de posição constituem uma trama, um enredo. As equipes, compostas por indivíduos em interação, constituem dada configuração dinâmica. Há um sentido em relação ao qual esses indivíduos se comportam. Eles não o fazem aleatoriamente. São pagos, alguns muito bem inclusive, para desempenharem determinadas performances, orientadas para o êxito das equipes pelas quais atuam e, portanto, para a realização de ações eficazes, algo bem diverso de epifenômenos.

Os significados das práticas futebolísticas estão, em grande medida, encravados na própria ação. É preciso traduzi-los. Nesse caso, não se pode falar em futebol e nem em futebóis, mas em elementos menores, como dribles, passes, gols, chutes, clubes, torcidas, torcidas organizadas, atletas, um determinado atleta, enfim, é preciso retalhar a floresta. O futebol de espetáculo constituiu-se paralelamente ao seu público, uma modalidade de apreciadores muito peculiar na medida em que seus interesses são, via de regra, dados pela adesão a uma agremiação tradicional que se faz representar dentro de campo por uma equipe com onze jogadores.

Dessa forma, atletas profissionais e torcedores existem uns para os outros e uns nos outros, mas não são a mesma coisa. Não interessa discutir se um gesto é ou não é eficaz do ponto de vista instrumental, se ele pode vir a ser realizado de modo ainda mais eficaz e assim

por diante. Dever-se-ia investir antes na compreensão das razões pelas quais a eficácia instrumental é exigida de um gesto futebolístico no espectro do espetáculo. Ou melhor, é preciso captar em que contextos a eficácia é mais ou menos exigida, o que equivale pensar que ela possui diferentes gradientes de valoração. Embora este seja um atributo que praticamente todas as formas de práticas esportivas valorizam, é no contexto do espetáculo e não no lazer de fim-de-semana que ela aparece como um valor, simultaneamente simbólico e econômico.

Além da prática ter se tornado ostensiva, os esportes constituíram-se em espetáculos ao longo do século XX criando seus respectivos públicos ou, dizendo o mesmo de modo diverso, disseminando determinados padrões de sensibilidade a um só tempo genuínos e co-extensivos a outros fatos sociais – penso nos paralelos que se pode estabelecer entre espetáculos esportivos em geral e eventos musicais, religiosos e políticos, por exemplo. Não se trata de forjar argumentos em favor ou contra tais sensibilidades, mas de formular indagações acerca de seus processos de constituição, sempre que possível a partir de configurações concretas, no passado ou no presente.

Não pretendo (e não pretendi) desenvolver uma teoria dos gestos esportivos ou futebolísticos, mas não poderia, tendo trabalhado com a produção de futebolistas voltada ao espetáculo, deixar de destacar a importância da dinâmica dos jogos propriamente ditos, enquanto nexos corporais instituídos pelos jogadores a partir de um conjunto pré-estabelecido de códigos, dentre os quais destacam-se as regras ditadas pela Internacional Board, mas não apenas elas. O processo de formação é, nessa perspectiva, uma pedagogia das predisposições que permitem aos jogadores a manipulação, em forma de performance, de uma modalidade de gramática corporal que é ao mesmo tempo diversa de todas as demais modalidades esportivas e dos outros futebolis.

Notas

¹ “Futebóis” não é um neologismo de ocasião. O dicionário Aurélio contém, desde a sua edição de lançamento, o plural para o termo futebol. Não se pode negar, contudo, que “futebóis” é um termo usado com pouca frequência, soando estranho. O reconhecimento social da diversidade de práticas é manifesto na linguagem ordinária, como nos casos compostos: futebol de várzea (amador), futebol de salão, *futsal*, futebol-soçaite, futebol de praia (*beach soccer*), futevôlei, futebol de botão, futebol totó (fla-flu), entre outros. Existem, ainda, outros termos para referir a plêiade de futebóis: “pelada”, “racha”, “goleirinha”, “fute”, entre outros - sendo que pelada é, disparado, o termo mais usado de norte a sul do Brasil. Uma das dificuldades na compreensão do fenômeno esportivo deve-se, efetivamente, ao fato de que “[...] a unidade nominal (tênis, esqui, futebol) [...] mascara uma dispersão, mais ou menos forte, conforme os esportes, das maneiras de praticá-los, e no fato de que essa dispersão cresce quando do aumento do número de praticantes [...] é acompanhado de uma diversificação social desses praticantes” (Bourdieu 1990:209-10).

² Em linhas gerais, sigo os argumentos de Lovisolo quando afirma que “as ciências sociais e históricas encontram no jornalismo uma fonte insubstituível de conhecimento empírico e compreensão dos processos. Contudo, a história e a sociologia dos esportes não podem apenas se reduzir a dizer em linguagem sociológica, geralmente pouco transparente e vibrante, o dito pelos jornalistas naquela linguagem que é dirigida à emoção e imaginação dos amantes dos esportes, atletas e torcedores” (2001:78).

³ Estas “classificações estratégicas” foram revistas e ampliadas a partir de Damo (2003).

⁴ “Contrariamente a abordagem privilegiada pela estética, a resposta a esta questão [da admiração] não se encontra exclusivamente nas obras; mas tampouco exclusivamente nos olhos dos observadores ou, dizendo de outro modo, nas características sociais do público. Tanto as propriedades objetivas das obras quanto os quadros mentais da recepção (lugares, momentos, interações...) são solicitados na probabilidade de ver qualificado um objeto em termos estéticos – a descrição de seus deslocamentos, a explicação de sua lógica [...]” [tradução do autor].

⁵ Como dito anteriormente, este foi, na origem o primeiro capítulo de uma tese que tratou, fundamentalmente, do processo de formação de jogadores profissionais. Julguei-o pertinente, na ocasião, para romper com a idéia de que os atletas sejam tão somente talentos diferenciados. Mostrei como a formação/produção de futebolistas pressupõem um investimento de longo curso, com exigências para além dos capitais futebolísticos. Tais investimentos não se justificariam se os espetáculos futebolísticos fossem jogos como outros quaisquer, embora tenham muitos elementos em comum. Era preciso, pois, mostrar como um jogo é uma trama peculiar, arquitetada nos bastidores, em sessões de treinamento físico e emocional, para então ser apresentada a um público altamente exigente. A “relação triangular” aqui sugerida é, em última instância, de uma fórmula genérica, em nada diversa da clássica formulação de Lévi-Strauss a partir da qual o feiticeiro (performista, produtor, jogador...), a cura (performance, obra, jogo...) e os crentes (público, consumidor/apreciador, torcedor...) são postos em relação (1970:193-226).

⁶ Dadas as peculiaridades no processo de diáspora, o *rugby* preservou a integridade lingüística, mesmo porque sua disseminação deu-se mais intensamente nas ex-colônias britânicas. O caso dos EUA representam, efetivamente, uma exceção, sendo o *football association* denominado de *soccer*, equivalendo para o termo *football* um jogo que eles próprios recriaram a partir do *rugby*. O jogo que nos EUA é denominado de *football* não é praticado no Brasil – salvo raras exceções –, embora referido como “futebol americano”. Na França o jogo estadunidense é denominado de “football américain” e, embora sua prática seja mais difundida do que no Brasil, está bem distante do *association* e do *rugby*.

⁷ Existe uma extensa bibliografia que trata, em detalhes, o processo de codificação do *football* na Inglaterra, destacando o papel centralizador das Public Schools, dentre as quais destaca-se a de Rugby (WALVIN, 1994:32-51). Sobre o desenvolvimento comparativo do *rugby* e do *association* na Inglaterra, no período imediatamente posterior à codificação, cf. Dunning e Sheard (1992).

⁸ Sobre alguns estudos sobre a recepção do *football* no Brasil cf. Sevchenko (1998), para o contexto paulistano; Pereira (2000), para o Rio de Janeiro; Mascarenhas (1998), para o Rio Grande do Sul; Guedes (1998:101-16), Antunes (1994) e Silva Jr. (1996) sobre o futebol nas fábricas.

⁹ Dizer que este segundo grupo é formado pelas classes populares e pelos negros é um tanto romântico, pois há exemplos – como os Canelas Pretas, de Porto Alegre (Damo 2002; Mascarenhas 1998) – em que negros, excluídos do futebol de elite, pela elite que detinha o controle institucional da prática (clubes, ligas, espaço físico, etc.), optaram por criar suas próprias agências, mas sem abdicar dos cânones seguidos por aqueles que os haviam excluído, como estratégia de re-inserção. A convicção de que o futebol foi abraçileirado num passe de mágica é amplamente disseminada, embora este seja um problema que vem sendo corrigido aos poucos pela produção historiográfica – Pereira (2000), Mascarenhas (2001), entre outros.

¹⁰ É ilustrativo o fato de que foi a IB quem incorporou a FIFA, por volta do início do século, sendo que é a FIFA quem engloba a IB na atualidade. Esta inversão é produto da importância assumida pelo mercado de atletas, de

eventos e de imagens, algo praticamente inexistente no início do século XX, ocasião em que o poder sobre as regras é que determinava o poder sobre o *football association*.

¹¹ Isto poderia mudar se, por hipótese, um segmento qualquer de clubes resolvesse, por conta própria, organizar uma competição midiável usando as regras e, portanto, praticando o *football association*, à revelia da FIFA-IB e suas subsidiárias. Na prática, existe uma quantidade incontável de campeonatos, torneios e mesmo de jogos ditos amistosos em que se praticam as regras do *football association*, na íntegra ou com pequenas alterações. Jamais quaisquer destas entidades foram molestadas pela FIFA ou pela Internacional Board, certamente porque jamais o monopólio foi ameaçado.

¹² O *futsal* foi incorporado pela FIFA no final dos anos 80, que desde então gerencia as principais competições desta modalidade internacionalmente. Nacionalmente, no entanto, o agenciamento do *futsal* não é atributo da CBF – afiliada da FIFA-IB –, mas da Confederação Brasileira de Futsal (CBFS). Já o *beach soccer* ou futebol de areia, simplesmente, vinha sendo organizado internacionalmente desde 1995 pela Beach Soccer World Wide, uma agência privada sediada na Espanha. A partir de 2005, no entanto, a FIFA passará a organizar a Copa do Mundo desta modalidade, dada a crescente popularidade e rentabilidade publicitária. Cf. Correio do Povo, 2/2/05, p. 19.

¹³ Por “práticas” compreendo não apenas “o jogar”, mas como já foi dito, inclui-se “o torcer”, “o discutir”, “o presenciar”, “o vestir-se”, entre outras. É por economia lingüística que o termo “prática” equivale, na maior parte das vezes, ao “futebol jogado”, sendo as demais dimensões dos futebolis devidamente especificadas quando referidas.

¹⁴ A “unidade futebolística” poderia ser pensada por homologia ao “átomo de parentesco” de Lévi-Strauss (1970), tão somente pelo fato de que esta unidade pode ser reconhecida universalmente onde quer que se esteja praticando um jogo nomeado com o equivalente ao termo futebol – quase sempre uma acomodação de *football*.

¹⁵ Há várias versões para a origem do termo, mas nenhuma muito convincente. Rosenfeld (1993) sugeriu que a designação declina dos jogos praticados em terrenos baldios, sem grama, “pelados”. Poder-se-ia supor também a nomenclatura deriva do fato de que é freqüente uma das equipes, por vezes ambas, jogarem com o dorso nu, e em certos casos, descalços, quase pelados, portanto. O mais provável, no entanto, é que “pelada” seja um arranjo para a expressão “jogo de *pelea*”, como era referido o futebol por alguns jornais no início do século XX (Pereira 2000:52) – péla, segundo o dicionário Aurélio, equivaleria à bola (de borracha, sobretudo), termo próximo ao espanhol “pelota”, igualmente aportuguesado. Sobre os arranjos em termos de regras, redes de relações sociais e significados atribuídos à sociabilidade no entorno da bricolagem conferir: Stigger (2002); Leite Lopes (1994); Guedes (1982) e Gonçalves (2002).

¹⁶ Arqueti (1998) nos fez ver, como destacado por Guedes (2003), as analogias entre o “*pibe*” e o “*moleque*” e o “*potrero*” com o “*baldio*”. Eles são, rigorosamente, produtos e produtores da bricolagem; formas locais de um arranjo engendrado pelas culturas populares, pelo que De Certeau (1996.) chamou de “artes do fazer”, de escapar às determinações por “mil maneiras”. Tratou-se, na origem, de escapar ao cerco imposto pelas elites, que restringiram o acesso dos populares aos clubes nos quais se praticava o nobre esporte bretão. Sem romantismos, poder-se-ia pensar que a bricolagem é uma forma de estética alternativa à versão espetacularizada, que prima pela economia dos gestos.

¹⁷ Uma segunda ressalva, realizada alhures (Damo 2003:138-40), é de que a sugestão de Toledo é válida para o futebol de espetáculo ou profissional, em relação ao qual o conceito de campo aplica-se tranqüilamente. Todavia a tipologia em questão foi sugerida sem que tal destaque tivesse sido realizado, como se ela valesse para a diversidade dos futebolis. As matrizes do jogar que hora apresento são pensadas, justamente, para dar conta das diversidades que a tipologia de Toledo poderia ofuscar, pois ela traduz, a meu ver, uma visão de conjunto do futebol de espetáculo, em relação ao qual as noções de campo social aplicam-se perfeitamente – muito embora Toledo oscile, aqui e ali, entre os termos configuração, campo e tipologia.

¹⁸ Sobre futebol comunitário ou de várzea cf. Antunes (1994;1996), Guedes (1982;1998), Magnani (1984), Magnani e Morgado (1996), Adauto (1999), Netto (1999), Rigo (2000) Santos (1999), Gonçalves (2002), Nuytens (2002).

¹⁹ Conforme Rebelo e Torres, “existe registro de 13.000 times amadores e 800 clubes de futebol. Há igualmente 11.000 jogadores federados no Brasil, além de 2.000 atuando no exterior. A estrutura física compreende 308 estádios com capacidade total de 5 milhões de lugares” (2001:21). Os autores não referem a fonte de onde obtiveram tais dados, o que reforça a suspeita de que eles estejam sub-estimados, para o caso dos “times amadores” – referidos nesta tese como clubes/times comunitários – e superestimados para o caso do número de clubes federados – em torno de 500, conforme dado obtido em diversas fontes. O número de jogadores em atividade no país está mais ou menos conforme as projeções, que variam entre 10 e 12 mil, mas é provável que existam mais de 2 mil atletas atuando no exterior, pois só nos anos de 2002, 2003 e 2004 a CBF registrou a saída de 2.170 profissionais.

²⁰ As classificações de Tubino foram mais tarde incorporadas à chamada Lei Zico e mantida na Lei nº 9.615 – popularmente conhecida como Lei Pelé -, no Capítulo III, “DA NATUREZA E DAS FINALIDADES DO

DESPORTO”. “Art. 3o O desporto pode ser reconhecido em qualquer das seguintes manifestações: I - desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em **formas assistemáticas de educação**, evitando-se a seletividade [...]; II - desporto de participação, de modo voluntário [...]; III - desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva [...]”. A lei já não é responsabilidade de Tubino, mas dá uma idéia de quão aberto é este tipo de definição denominado de “educacional” [Grifos meus].

²¹ “Se um dançarino dança – o que não é a mesma coisa que ter teorias sobre a dança ou sobre o desejo de dançar ou sobre as tentativas que se faz para dançar [...]-, tudo já está lá” [tradução do autor]. E na continuação: “C’est comme cet appartement ou je vis – je regarde tout autour de moi, le matin, et je me demande, qu’est-ce que tout cela signifie? Cela signifie: ça, c’est là ou je vis. Quand je dance, cela signifie: ça, c’est ce que je suis en train de faire” (Cunningham apud Gil 2000:58). “É como este apartamento onde vivo – olho no meu entorno, pela manhã, e me pergunto, o que tudo isso significa? Significa: isso, é onde eu vivo. Quando eu danço, significa: isso, é o que eu estou fazendo” [tradução do autor]. Tê-los acompanhado nesse argumento não implica segui-los integralmente.

²² “[...] a figura global e sempre mutante que formam os jogadores; ela inclui não apenas seu intelecto, mas toda sua pessoa, as ações e as relações recíprocas” [tradição do autor].

²³ Se houvesse a pretensão de constituir uma abordagem do tipo fenomenológica, poder-se-ia, então, marcar algumas diferenças entre, por exemplo, as configurações de futebolistas e torcedores ou entre os primeiros e os jogadores de peladas. Em todas elas existe relações face-a-face, mas nem sempre as ações desencadeadas no aqui e agora são o produto desta interação. Os torcedores, no estádio, orientam suas ações pelo desenrolar da configuração que vêem no gramado, mas seguidamente também se manifestam em razão de jogos e resultados paralelos, que interessam ao seu time ou ao arquirival. De mais a mais, o estádio é um local onde raramente se vai só, ou raramente se assiste só, razão pela qual a interação nos estádios possui múltiplas possibilidades de ser abordada. Os futebolistas profissionais, à diferença dos peladeiros, cujas ações são orientadas principalmente por relações face-a-face, orientam-se também em razão das ações projetadas a partir dos treinamentos, do técnico que os orienta e do público que os assiste, co-participando de suas ações.

²⁴ A adesão ao jogo, em sentido aberto, tanto quanto a adesão a uma dada modalidade de jogo, como o futebol, por exemplo, é algo mediado por um conjunto extenso de fatores, dentre os quais a cultura desempenha um papel fundamental. Todavia, a adesão ao jogo implica na adesão a um sistema de tensões, ainda que as intensidades poderão, certamente, apresentar variações (Elias 1991).

²⁵ Ao contrário de algumas interpretações, o *habitus* não é o dispositivo que explica a transposição das categorias sociais para o indivíduo, o que equivaleria a supor que este último seja um mero reproduzidor, uma espécie de ventríloco do social. O *habitus* visa “escapar tanto de la filosofía del sujeto, pero sin sacrificar al agente, como la filosofía de la estructura, pero sin renunciar em tener em cuenta los efectos que ella ejerce sobre el agente y através de él” (Bourdieu e Wacquant, 1995:83-4). Para uma crítica ao uso da noção de *habitus*, pelo próprio Wacquant, cf. Damo (2005:110-11).

²⁶ Esta asserção, para ter validade heurística, precisa ser relativizada. Afinal, existem muitas práticas esportivizadas, como a ginástica rítmica desportiva, o nado sincronizado, a patinação artística, os saltos ornamentais, entre muitos outros, em que se faz uso de coreografia. Em certas modalidades de dança contemporânea, no entanto, a liberdade de execução é de tal modo extensa que o improviso torna-se o eixo principal da performance.

²⁷ É esta a dimensão do jogo que está no cerne dos esportes, que encanta alguns pensadores das práticas, como Mauss, Bourdieu, De Certeau, Elias, entre outros. Trata-se de uma espécie de linguagem oral que não pode ser jamais escrita, pois está irremediavelmente vinculada à performance. Nós a usamos cotidianamente, no falar, por exemplo. Só muito raramente paramos para pensar as palavras, os nexos, as gírias; simplesmente falamos, dançamos, jogamos e assim por diante. Os esportes são, nessa perspectiva, uma forma de dramatizar os limites da comunicação imediata, na qual inclui-se a oralidade (Bakhtin 2003; Goody 1979; Ricoeur s/d; Zumthor 2000). Dizer que a cultura popular brasileira é pródiga em ensinar a dispor do corpo, e que os meninos nascidos entre esses grupos beneficiam-se sobremaneira dessa herança que vem de berço nas reconversões da capoeira em *funk*, deste em *hip hop*, dali ao futebol e, se for o caso, às brigas de rua e delas ao samba, é uma obviedade.

²⁸ Trata-se de uma escolha que, no caso do *futsal* agenciado, compete ao técnico de cada equipe. No caso das peladas compostas por grupos de sociabilidade, as escolhas são processadas *ad hoc*. A preocupação com o equilíbrio técnico é importante, pois se uma das partes prepondera demasiadamente sobre a outra estabiliza-se a relação dominante/dominado e cessam os fluxos de poder, como bem dissera Elias. Nesse caso, o jogo perde o interesse, não raro traduzindo-se em agressões de parte a parte. A respeito das tecnologias de controle da excitação em jogos de bricolagem a partir do equilíbrio das tensões cf. Stigger (2002:173-209).

²⁹ Difícil saber até que ponto a estratégia atendia aos fins práticos argumentados. Ocorre que a tensão nos jogos da “turma de S” era seguidamente elevada, dado o fato de que boa parte de nós possuíamos o *habitus* da militância política, um certo gosto pela discussão – desinteressada, por vezes desinteressante e não raro nos estendíamos acirradamente em pautas tão prosaicas como a posse de bola depois de uma saída lateral.

³⁰ Assim como não é preciso conhecer em minúcia as técnicas usadas por Picasso para compor Guernica para impactar-se com ela, também os jogos de futebol permitem emoções com níveis diferenciados de compreensão. A hipótese de que alguém não ache a menor graça do caos que Picasso traduziu em Guernica também é válida para o futebol.

Referências Bibliográficas

- ADAUTO, Flávio. 1999. “O futebol da cidade não morreu só mudou de lugar”. In: *Futebol: espetáculo do Século*. COSTA, Márcia *et al.* (org.). São Paulo: Musa Editora: 119-27.
- ANTUNES, Fátima. 1994. “O futebol nas fábricas”. In: *Revista USP*, nº 22.
- _____. 1996. “O futebol na Light & Power de São Paulo”. In: *Pesquisa de Campo*, nº 3-4: 51-64.
- ARCHETTI, Eduardo. 1998. “El potrero y el pibe. Território y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino”. In: *Nueva Sociedad*, Caracas, nº 154, mar/abr: 101-19.
- BAKTHIN, Mikhail. 1993. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo-Brasília: HUCITEC-Edunb. 2.ed.
- BITENCOURT, Fernando. 2005. *Reprodução, inversão e transformação: uma etnografia do esporte na escola*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, PPGAS/UFSC.
- BOURDIEU, Pierre. 1990. “Programa para uma sociologia do esporte”. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense: 207-20.
- _____. 1996. *Razões Práticas*. Campinas: Papirus.
- _____. 1999. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva. 5.ed.
- BOURDIEU, Pierre e WACQUANT, Loïc. 1995. *Respuestas: por una antropología reflexiva*. Grijalbo: Cidade do México.
- DAMO, Arlei. 2002. “Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil”. In: *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Editora Unisinos, ano XVI, nº 34: 79-88.
- _____. 2003. “Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro”. In: *Movimento* (Revista da Escola de Educação Física/UFRGS), Porto Alegre, v. 9, nº 2, mai/ago 2003: 129-56.
- _____. 2005. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado. Porto Alegre, UFRGS/PPGAS. <Disponível em: <http://www.biblioteca.ufrgs.br/Bibliotecadigital>>.
- DeCERTEAU, Michel. 1996. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.

-
- DUNNING, Eric & SHEARD, Kenneth. 1992. "La separation des deux Rugby". In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*; n° 79.
- ELIAS, Norbert. 1991. *Qu'est-ce que la sociologie?* Paris: Éditions de l'aube.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. 1992. *A busca da Excitação*. Lisboa, Difel.
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- GIL, José. 2000. "La danse, le corps, l'inconscient". In: *Terrain*, 35, set 2000: 57-74.
- GONÇALVES, Alana Mara Alves. 2002. *Futebol amador: campo emergente de sociabilidade*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: PPG em Sociologia/UFC.
- GUEDES, Simoni. 1982. "Subúrbio: celeiro de craques". In: DaMATTA, Roberto (org.) *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Pinakotheke: 59-74.
- _____. 1998. *O Brasil no campo de futebol*. Rio de Janeiro:EDUFF.
- _____. 2002. "De Criollos e Capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil". Exposição realizada no *XXVI Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu (MG), 22 a 26 de outubro de 2002.
- GUIBERNAU, Montserrat. 1996. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. 1998. *Corpo e Forma*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- _____. 2001. "A forma da violência: em louvor da beleza atlética." In: *Mais!* São Paulo, Folha de São Paulo, 11 mar. 2001: 6-9.
- HEINICH, Nathalie. 1991. *La Gloire de Van Gogh: essai d'anthropologie de l'admiration*. Paris: Minuit.
- _____. 2001. *La sociologie de l'art*. Paris : La Decouverte (Repères 328).
- HOBBSBAWM, Eric. 1984. "Introdução: a invenção das tradições e A Produção em Massa das Tradições: Europa 1879 a 1914". In: HOBBSBAWM, E. & RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- KERTZER, David. 1988. *Ritual, politics and Power*. New Haven/London: Yale University Press.
- LEITE LOPES, José S. 1994. "A vitória do futebol que incorporou a *pelada*". In: *Revista USP*, n° 22.
- LÈVI-STRAUSS, Claude. 1970. *Antropologia estrutural I*. Rio de janeiro:Tempo Brasileiro.

-
- LOVISOLO, Hugo. 2001. "Saudosos futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia". In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad: 77-99.
- MAGNANI, J. Guilherme. 1984. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense.
- MAGNANI, J. Guilherme e MORGADO, Naira. 1996. "Futebol de várzea também é patrimônio". In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural*. São Paulo, n. 24: 175-84.
- MASCARENHAS, Gilmar. 1998. "Futebol e territorialidade da segregação racial em Porto Alegre". In: *Motus Corpori*. Vol. 5, nº 5. Rio de Janeiro: Gama Filho.
- _____. 2001. *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma Geografia do Futebol e seu advento no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP.
- MURRAY, Bill. 2000. *Uma história do Futebol*. São Paulo: Hedra.
- NUYTENS, Williams. 2002. "Le football du dimanche dans un club de district". In: *Panoramiques: Um monde foot, foot, foot! N° 61, 4º trimestre*: 61-65.
- PEREIRA, Leonardo. 2000. *Footballmania: uma história social do futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- REBELO, Aldo e TORRES, Silvio. 2001. *CBF-NIKE*. São Paulo: Casa Amarela.
- RICOEUR, Paul (s/d). *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70.
- RIGO, Luis Carlos. 2000. *O futebol infame*. Tese de Doutorado. Campinas: PPG em Educação/Unicamp.
- SANTOS, Marco. 1999. "Periferia e várzea um espaço de sociabilidade". In: *Futebol: espetáculo do Século*. COSTA, Márcia et al. (org.). São Paulo: Musa Editora: 117-8.
- SOUZA SANTOS, Boaventura. 2002. "Os processos da globalização". In: *A globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez: 25-102.
- SEVCENKO, Nicolau. 1998. "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio". In: NOVAIS, Fernando e SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil* (3). São Paulo: Cia das Letras.
- STIGGER, Marco Paulo. 2002. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados.
- _____. 2005. *Educação Física, Esporte e Diversidade*. Campinas: Autores Associados.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. 2002. *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec/FAPESP.

TUBINO, Manoel José Gomes. 1992. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez.

WACQUANT, Loïc. 2002. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Damará.

WALVIN, James. 1994. *The People's Game*. Edinburg: Mainstream Publishing.

ZUMTHOR, Paul. 2000. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC.

Sobre o autor:

Arlei Sander Damo é Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Santa Cruz do Sul. Em 2003 foi pesquisador-estagiário junto ao Institut d'Ethnologie Méditerranéenne et Comparative (IDEMEC), em Aix-en-Provence. É autor de *Futebol e Identidade Social* (Editora da UFRGS) e co-autor de *Fútbol y Cultura* (com Ruben Oliven, pela Editora Norma/Buenos Aires).